

A sementeira da tecnologia social

A história da humanidade vem sendo influenciada, nos últimos séculos, pelo modelo capitalista de globalização. Essa influência se manifesta, inicialmente, por um capitalismo monopolista, passando por um mercantilista e chega aos nossos dias com uma característica totalitária. Tal faceta é, porém, diferente do imperialismo colonial ou político e, segundo Virílio, “com a globalização, o que existe é a possibilidade de um totalitarismo definitivo, um totalitarismo sem ‘exteriores’. Um totalitarismo global”.¹ Essa concepção é identificada, pelo autor, como regime globalitário.

Para sustentar esse modelo, para além da preponderância economicista, está o suporte da revolução tecnológica, que se manifesta de modo particular na informática, robótica, biotecnologia e comunicação. Tecnologias essas que exercem um duplo papel: o de otimizar o sistema produtor de mercadorias e de potencializar os desejos do consumidor. Nesse sentido, Mance afirma: “o sistema capitalista, além de ser um sistema econômico, é um sistema semi-ótico modelizante principal. Ele produz e reproduz conjuntos articulados de signos a partir dos quais tudo é transcodificado. Ele transforma qualquer coisa em valor de troca”.² Estabelece-se, assim, uma articulação entre o regime econômico estrutural e os desejos de manifestação pessoal.

Esse modelo de organização social, certamente, é capaz de promover benefícios, mas gera também inúmeras consequências, principalmente para aqueles que estão à margem do processo de con-

centração e internacionalização do capital. Sob a análise das consequências, Mance apresenta uma lista de vinte e cinco, encontradas de modo especial em países do Terceiro Mundo. Dentro do assunto de interesse dessa reflexão, o autor indica a “dependência de tecnologias de ponta [...], que leva a uma fabulosa sangria de capitais das nações dependentes, sem nunca atingir um grau de modernização de ponta nestes setores frente aos países de capitalismo avançado” (ibid). A tecnologia, assim compreendida, propicia o progresso da ciência, mas é, também, um instrumento de exclusão de grupos sociais, contribuindo com a desigualdade social. Diante dessa constatação, levanta-se o questionamento: as novas tecnologias estão contribuindo para uma maior igualdade social ou estão provocando a “desigualdade digital”?

Sensibilizado por esse desafio o Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina e Caribe (IESALC), no seu Plano de Ação, faz a seguinte advertência: “as novas tecnologias telemáticas estão abrindo extraordinárias possibilidades para a educação superior, mas também estabelecem sérios questionamentos sobre a função específica da instituição”. A universidade, como instituição qualificada para o desenvolvimento da tecnologia, deve estar atenta a esta problemática e desempenhar com competência o processo de informatização, mas não pode abdicar da sua missão primordial de atuar na formação humana e no exercício da cidadania.

Apesar do fundamentalismo explícito do panorama hegemônico globalitário, existem experiências, em várias regiões do planeta, que vão apontando para uma outra direção e que são capazes de fecundar alternativas mais democráticas e mais justas. Nesse direcionamento está o exercício político referendado pelo apoio popular, uma concepção econômica com um forte referencial de solidariedade, uma manifestação cultural que contempla as fisionomias locais e regionais, uma mística renovada

¹ O sistema globalitário. Paul Virílio. **Folha de São Paulo**, 09/02/97, pp. 5-9.

² **Globalitarismo e subjetividade** - algumas considerações sobre ética e liberdade. Euclides André Mance. Site: www.ifil.org

que permite a experiência do Deus da vida e uma convivência responsável entre os homens/mulheres com a natureza.

A emergência, embora embrionária, desse paradigma, conta com a tecnologia, mas de modo particular, com a “tecnologia social”. Essas tecnologias são, por sua vez, uma grande oportunidade para contribuir com a função específica da universidade, no sentido de caracterizá-la como uma “instituição social, científica e educadora”.³ Essa instrumentalidade não pode, porém, tornar-se uma finalidade institucional, mas potencializá-la para que pela sua missão própria contribua com o desenvolvimento da sociedade por meio da tecnologia social.

Por isso a tecnologia social não é uma compensação dos malefícios produzidos pelas tecnologias, mas uma iniciativa diferenciada que parte do pressuposto de autogestão, parceria e responsabilidade social, com o objetivo de socializar o maior número possível de benefícios aos atores envolvidos no projeto comunitário.

A tecnologia social começa, assim, a entrar na agenda de discussão e implementação de diversas instituições da sociedade. Ela está presente em diversas áreas, mas de modo especial na organização cooperativa, na incubadora de empresas, nas associações comunitárias, que ao fazerem uso dessas tecnologias, otimizam a sua potencialidade social. A tecnologia é apenas uma instrumentalidade para otimizar a finalidade da tecnologia social.

Com base nesse pressuposto, as atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão objetivam articular a relação entre a universidade e a sociedade, daí a razão de a sua função ser, essencialmente, uma política social, contribuindo com a solução dos grandes problemas da humanidade por meio de conhecimentos significativos. A universidade não precisa de instrumentos específicos para se articular com a sociedade, porque a dimensão social é um elemento constituinte da instituição acadêmica. Minimizar este aspecto é diluir a própria identidade da universidade.

A Universidade Católica de Brasília (UCB), fiel

à sua missão, vem investindo na estratégia do desenvolvimento sustentável, configurado por uma série de tecnologias sociais. Parte deste processo está sendo apresentado no número dois da Revista Dialogos que apresenta, por meio do artigo de reflexão do Prof. Ivan Rocha Neto, os conceitos e perspectivas das tecnologias sociais. Essa temática é ampliada pelo Prof. Antônio M. A. de Souza, que inicia um debate sobre o jornalismo e a cidadania Mastercard. Na continuidade da temática encontra-se o relato da experiência da Profª. Fabíola G. B. Carvalho sobre as altas habilidades e dos autores do curso de Química, Igor R. A. do Nascimento e Regina C. R. Dalston sobre o projeto Bio-Etars. Além disso, exploramos a temática no universo comunitário com artigo do professor João Ribeiro Souza, CEDIPAR: descobertas e ações em universos sociais e no texto Oficina de imagem popular escrito por Noga Ribeiro e Willian Alves.

A proposta da tecnologia social é, para muitos, apenas uma gota no aguaceiro do sistema hegemônico. É nessa ambiência de esperança de que há caminhos possíveis para construir alternativas sociais, bem como indicar caminhos que conduzem à utopia, que se pode saborear o pensamento poético de Fábio Azamon, quando afirma:

a mais longa caminhada só é possível passo a passo;
o mais belo livro do mundo foi escrito letra por letra;
os milênios se sucedem segundo a segundo;
não fosse a gota e não haveria a chuva;
o mais singelo ninho se fez de pequenos gravetos
e a mais bela construção não se teria efetuado senão a
partir do primeiro tijolo;
...apenas sete notas musicais deram vida à ‘Ave Maria’
de Gounoud, e à ‘Aleluia’ de Hendel.

É na dinâmica da semente lançada na terra fértil que compreendemos a tecnologia social, de modo especial, como instrumento que desencadeia um diálogo entre universidade e sociedade, como meio para atingir as alternativas que buscam construir uma relação social baseada na solidariedade e como experiência inovadora que aponta para o futuro, a partir da memória do passado, em vista da realização do presente.

Prof. M.Sc. Luiz Síveres
Diretor dos Programas de Extensão

³ CHAUÍ, Marilena. **A universidade hoje**. In: Praga: Estudos Marxistas. São Paulo: Editora HUCITEC, nº 6, 1998.